

Covid-19: Agências fact-checking no combate à desinformação sobre cloroquina e hidroxiclороquina

Anelisa Maradei & Edna Fátima Pereira da Silva
Universidade Metodista de São Paulo

E-mail: ane@amaradei.com.br / edna.trade@gmail.com

Resumo

A pandemia do vírus Covid-19 abalou o mundo no ano de 2020. Este artigo se propõe a analisar como a combinação de desinformação, associada a fatores diversos, como interesses controversos entre a ciência, economia e a política, além de questões conjunturais, como a crise de confiança no Jornalismo e a precarização da atividade profissional, podem tensionar ainda mais o enfrentamento de um grave problema de saúde pública. Para realizar nossa pesquisa, utilizamos de uma análise sobre informações que foram checadas por duas agências de *fact-checking* da Amé-

rica do Sul: Comprova, do Brasil, e ColômbiaCheck, da Colômbia, sobre a recomendação e o uso de dois medicamentos no combate ao coronavírus: a cloroquina e a hidroxiclороquina. No total, foram analisadas 12 matérias, no período de março a junho, além de termos realizado articulações a partir de revisão bibliográfica sobre os temas: propagação de *fake News*, pós-verdade, *fact-checking*. Percebe-se que a prática de checagem por agências tem se tornado relevante no combate ao fenômeno da propagação de desinformação, mas ainda está muito distante de conter esse cenário.

Palavras-chave: fact-checking; *fake News*; desinformação; pós-verdade; Covid-19.

Data de submissão: 2020-09-04. Data de aprovação: 2021-03-08.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes, UIDB/00661/2020*.



Covid-19: Fact-checking to contain disinformation about chloroquine and hydroxychloroquine

Abstract

The Covid-19 virus pandemic shook the world in 2020. This article aims to analyze how the combination of disinformation, associated with diverse factors, such as controversial interests between science, economics and politics, in addition to cyclical issues, such as the crisis of confidence in Journalism and the precariousness of professional activity, can further strain the confrontation of a serious public health problem. To carry out our research, we used a analysis on information that was checked by two fact-checking agencies in South America: Comprova, from Brazil, and

ColombiaCheck, from Colombia, on the recommendation and the use of two drugs in the fight against coronavirus: chloroquine and hydroxychloroquine. In total, 12 articles were analyzed, from March to June, in addition to having made articulations based on bibliographic review on the themes: propagation of fake news, post-truth, fact-checking. It is clear that the practice of checking by agencies has become relevant in combating the phenomenon of the spread of disinformation, but it is still a long way from containing this scenario.

Keywords: fact-checking; fake news; misinformation; post-truth; Covid-19.

Introdução

O PRESENTE artigo aborda um dos principais temas concernentes à pandemia Covid 19¹: o uso dos medicamentos hidroxicloroquina e cloroquina no tratamento do novo coronavírus. Esses medicamentos pertencem a uma classe de produtos chamados de antimaláricos, usados para prevenir e tratar a malária e também enfermidades autoimunes, como lúpus e artrite reumatoide². Para tanto, analisamos a forma como tais questões foram verificadas por duas reconhecidas agências de *fact-checking*³ da América Latina: a Comprova, do Brasil, e a Colômbia Check, da Colômbia. Além de observar como se processou a circulação do tema em si, quais as principais “informações” falsas que ganharam notoriedade, interessa-nos demonstrar como as duas agências trabalharam para compor suas verificações. Também apresentamos ao leitor uma breve discussão sobre o fenômeno da desinformação disseminada

1. Covid19: doença causada pelo coronavírus SARS-COV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 28 jun. 2020.

2. Considera-se que diminui a atividade do sistema imune, ainda que haja dúvidas da efetividade do medicamento e de seus efeitos colaterais.

3. *Fact-checking*: expressão em inglês que significa processo de verificação se uma redação, notícia ou discurso estão corretos. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/fact-checking>. Acesso em: 05 jul. 2020.

pelas redes sociais digitais. Buscamos atentar para a importância de se observar os riscos que a desinformação pode trazer em momentos como o que estamos vivendo, de crise de saúde pública.

Em termos metodológicos, além de revisão bibliográfica em torno da questão (Manjoo, 2008; Palacios, 2018; D’Ancona, 2018; Spinelli e Santos, 2018) e consulta a pesquisas e relatórios (Unesco, 2018; Reuters, 2020), que nos deram sustentação sobre temas diversos (alastramento da pandemia, precarização da atividade de jornalistas, crescimento das *fake News* nas redes sociais digitais), selecionamos 12 matérias, localizadas nos sites das agências observadas (seis no Comprova e seis no ColômbiaCheck) para análise. Utilizamos mecanismos de busca dos próprios sites para o levantamento das matérias e partimos das palavras-chave hidroxicloroquina e cloroquina. As notícias por nós auditadas foram verificadas pelas referidas agências de checagem entre os meses de março e junho de 2020 e estão listadas nas tabelas 2 e 3.

Partindo da referida amostra, realizamos observações entre os sites, bem como entre as avaliações realizadas pelas agências concernentes à pandemia, nos seguintes quesitos:

1. Origem, forma operacional e estrutura das agências;
2. Metodologia utilizada por cada uma para a comprovação dos fatos;
3. Fatos abordados em cada agência de checagem no período;
4. Avaliação e classificação de cada uma das “informações”, dentro do critério de cada agência (falso, questionável etc);
5. Temas recorrentes em ambos os sites.

Antes de avançarmos, vale lembrar de alguns episódios críticos que se abateram sobre a saúde pública em nível mundial nos últimos anos. Em 1995, na África, surgiu o Ebola, um dos primeiros terríveis vírus do nosso tempo. Depois foi a vez da influenza aviária em 1997, que também amedrontou o mundo. Na sequência, em 2002, a SARS, Síndrome Respiratória Aguda Grave, aterrorizou a população de diversos lugares do globo. Entretanto, nenhuma dessas enfermidades se configurou num cenário de ampla propagação de informações falsas turbinadas pelo advento das redes sociais digitais, como no caso do Covid-19.

A pandemia de 2020 foi causada por um novo tipo de coronavírus⁴ (Covid-19), novo porque os corona são uma família de vírus que já circulavam entre nós. A

4. Os coronavírus são uma família de vírus, conhecida há muito tempo, responsável por desencadear desde resfriados comuns a síndromes respiratórias graves, como é o caso da Síndrome Respiratória Aguda Grave (Sars) e a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (Mers). A transmissão desses vírus pode ocorrer de uma pessoa para outra por meio do contato próximo com o doente. Recentemente, um novo tipo de coronavírus foi descoberto, o SARS-CoV-2, o qual tem causado mortes e também bastante preocupação. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/coronavirus.htm>. Acesso em 16 de jun. de 2010.

doença teve origem provável em animais hospedeiros e foi inicialmente detectada na China. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto constituía uma emergência de saúde pública de importância internacional, ou seja, o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela mesma organização uma pandemia.

No Brasil, o primeiro caso notificado da doença foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020. Na Colômbia, em 6 de março. De acordo com a Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), foram confirmados no mundo 7.823.289 casos de Covid-19 e 431.541 mortes até 15 de junho de 2020. Na Região das Américas, 1.449.885 pessoas foram infectadas pelo novo coronavírus, de acordo com a mesma organização, até 14 de junho de 2020. Na mesma proporção em que o vírus se espalhou, vimos se alastrarem uma infinidade de notícias falsas e desinformação sobre assuntos correlatos à pandemia: propagação, cuidados, cura, uso ou não de medicamentos diversos etc.

Redes sociais digitais e circulação de sentidos

Para se ter uma ideia da proporção de circulação de informações falsas decorrentes da questão, o Ministério da Saúde, no Brasil, utilizou um número de whatsapp, (61) 99289-4640, para receber informações “virais” sobre o coronavírus, que foram analisadas pelos técnicos do governo federal. Desde o início da divulgação dos casos da doença pelo mundo, segundo reportagem publicada pelo jornal O Globo⁵, no final de fevereiro já haviam sido recebidas 6.500 mensagens, das quais 90% eram relacionadas à nova doença. Dessas, 85% eram falsas. Entre as aberrações que circularam no período estavam: que alimentos alcalinos evitariam coronavírus, vacina da gripe aumentaria o risco de adoecer por coronavírus, tomar bebidas quentes ajudaria a matar o coronavírus. No site do ministério, as informações ganham um selo de *fake News* ou notícia verdadeira, conforme pode-se observar na imagem 1 a seguir. Essas informações continuam até hoje (junho de 2020) sendo verificadas:

5. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/as-15-fake-news-mais-compartilhadas-sobre-coronavirus-1-24278939>. Acesso em: 27 jun. 2020.

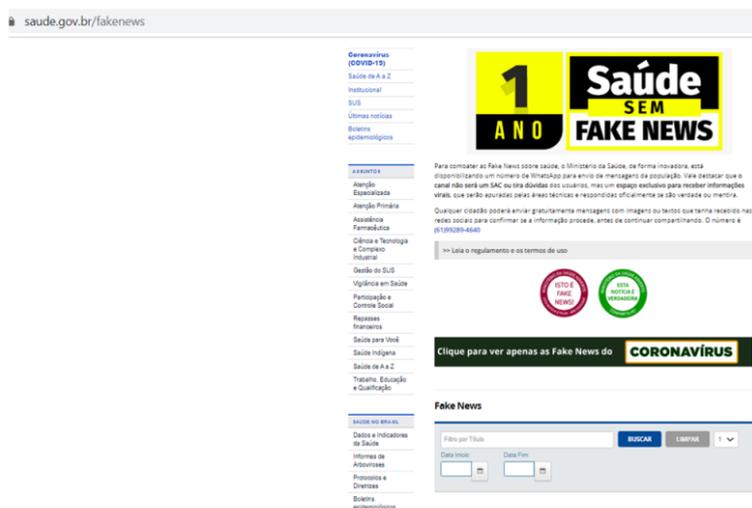


Imagem 1: Site do Ministério da Saúde do Brasil
Disponível em: www.saude.gov.br/fakenews. Acesso em: 13 junho 2020.

Outro recente estudo conduzido por pesquisadoras brasileiros, da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz), apontou as principais redes sociais como propagadoras de notícias falsas sobre o coronavírus no Brasil. A pesquisa, que analisou denúncias e notícias falsas recebidas pelo aplicativo Eu Fiscalizo⁶ (idealizado pelos pesquisadores), entre 17 de março e 10 de abril, mostra que as mídias sociais mais utilizadas para disseminação de *fake news* sobre o tema foram Instagram, Facebook e whatsapp. Os dados revelam que 10,5% das notícias falsas foram publicadas no Instagram, 15,8% no Facebook e 73,7% circuladas pelo whatsapp.

O fato é que, atualmente, convivemos com notícias que são mediadas por outros atores sociais que não mais os jornalistas, cientistas, acadêmicos, governos e instituições em geral. “A democratização da comunicação traz à tona um fator preocupante: web-atores difundindo informações com alcance global – e muitas vezes sem nexos com a autoria” (Ramonet, 2012, p. 10). Neste cenário, como sustenta Pérez (2019),

6. O Eu Fiscalizo foi idealizado com base em um projeto de pós-doutoramento da pesquisadora Claudia Galhardi na Ensp/Fiocruz – supervisionado pela pesquisadora Cecília Minayo e apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Possibilita que usuários notifiquem conteúdos impróprios em veículos de comunicação, mídias sociais e whatsapp. A ideia é que a sociedade possa denunciar notícias falsas ou conteúdos inapropriados, exercendo, assim, sua cidadania e o direito à comunicação e entretenimento de qualidade no que tange à produção, circulação e consumo dos produtos midiáticos. Disponível em www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/informe/site/materia/detalhe/48071. Acesso em 16 de jun. 2020.

as gerações mais jovens emergem como principais consumidoras de notícias falsas e os usuários maiores de 65 anos como suas principais vítimas.

A imprensa perdeu em grande medida o protagonismo como mediadora da informação. A propagação de notícias falsas ou de desinformação durante a pandemia nos mostra o quanto o jornalismo precisa ser repensado. O Digital News Report 2020, produzido pelo *Reuters Institute for the Study of Journalism*, nesse sentido, reforça que:

A seriedade desta crise reforçou a necessidade de um jornalismo confiável e preciso que possa informar e educar as populações, mas também nos lembrou o quão abertos nos tornamos a conspirações e desinformação. Os jornalistas não controlam mais o acesso à informação, enquanto uma maior dependência das mídias sociais e outras plataformas dá às pessoas acesso a uma gama mais ampla de fontes e ‘fatos alternativos’, alguns dos quais discordam de conselhos oficiais, enganosos ou simplesmente falsos (Newman, 2020)⁷

Verifica-se que as redes sociais colocam em circulação uma multiplicidade de fontes de informações, outros atores sociais ganham protagonismo como fonte de informação, retirando da imprensa a centralidade como mediadora dos relatos do cotidiano. Há hoje uma intensificação da cultura midiática (Silverstone, 2002, p.17), proporcionada pelas novas tecnologias da comunicação e informação (TICs), que também potencializa o fenômeno das *fake News*. As informações se propagam em tempo real, mediadas por atores que não só produzem conteúdo, mas também os disseminam a partir de mecanismos de compartilhamento acessíveis a qualquer cidadão. Entretanto, o que esses cidadãos, muitas vezes, avalizam como verdade, sem ser, se espalha para um grande número de pessoas, causando ou intensificando problemas de saúde pública.

Somemos a isso o fato de que a própria imprensa passa por uma crise relevante. Enquanto as redes sociais digitais se fortalecem como meio de informação, a imprensa enfrenta fechamento de redações, crise econômica e de confiança. Dantas da Silva et al (2019) ressaltam a perda de credibilidade da imprensa no processo de mediação da informação. Segundo os autores: “a informação oriunda dos principais veículos da mídia tradicional deixou de ser encarada, por uma parcela significativa da sociedade, como uma informação segura (idem, p.418). Para Spinelli e Santos (2018, p.8) “as *fake News* ganham espaço nas redes sociais, preocupam a grande mídia no Brasil e podem manchar ainda mais a reputação das instituições jornalísticas no país”

7. The seriousness of this crisis has reinforced the need for reliable, accurate journalism that can inform and educate populations, but it has also reminded us how open we have become to conspiracies and misinformation. Journalists no longer control access to information, while greater reliance on social media and other platforms give people access to a wider range of sources and ‘alternative facts’, some of which are at odds with official advice, misleading, or simply false. Disponível em: www.digitalnewsreport.org/survey/2020/overview-key-findings-2020/. Acesso em 16 jun. 2020.

Em síntese, diante do avanço das redes sociais digitais e maior ativismo dos cidadãos na propagação de informações (ou desinformação); crise de confiança na imprensa enquanto instituição; redução do número de veículos em atividade, especialmente observada pela diminuição sistemática da circulação das mídias impressas; e precarização do trabalho do jornalista; a propagação e produção de *fake News* ganha um terreno fértil.

Fake News é Notícia (News)?

O entendimento que temos de *Fake News* segue a percepção da *unesco*, prevista em relatório publicado em 2018, *Journalism, 'Fake News' & Disinformation*, que evita admitir que o termo tenha um significado correlato a “notícias falsas”. Isso porque, segundo o trabalho, “notícias” significam informações verificáveis de interesse público, e o que não atenda a esses padrões não mereceria rótulo de notícia (UNESCO, 2018).

Segundo constata o relatório, a expressão “notícias falsas” vem sendo considerada por alguns autores “um oxímoro que se presta a danificar a credibilidade da informação que, de fato, atende ao limiar de verificabilidade e interesse público – isto é, notícias reais” (idem, 2018, p.7). O referido trabalho combina duas noções: informação incorreta e desinformação.

No documento, desinformação é usada para tentativas deliberadas para “confundir ou manipular pessoas”. Já “informações incorretas” é um termo usado quando a informação é criada sem intenção manipuladora. Além disso, o relatório traz a diferença entre desinformação e informação incorreta do “jornalismo de qualidade”, que cumpre com a ética e normas profissionais. Este último diferencia-se ainda do “jornalismo problemático”, que comete erros contínuos por verificação malfeita, sensacionalismo, parcialidade (UNESCO, 2018, p.8).

Há autores que, ao tratar da questão, se dedicam a refletir sobre o conceito de pós-verdade. Eleita pelo dicionário da Oxford a palavra do ano de 2016, pós-verdade é descrita como “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais” (English Oxford, 2016). De acordo com Spinelli e Santos (2018, p.4) “o termo se encaixa em um mundo em que mentiras, rumores e fofocas se espalham velozmente, formando um cenário propício para a formação de redes cujos integrantes confiam mais uns nos outros do que em qualquer órgão tradicional de imprensa”.

Para Castilho (2016), esse cenário é decorrente do volume inédito de informações produzidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação (TICS). Na mesma perspectiva, Ramonet (2013, p.100) pondera que a sobrecarga de informação “cria um efeito narcótico”. Para o autor, o grande volume de informações também é uma questão que faz com que os cidadãos não percebam o que é qualitativo. Segundo ele, um tipo de “censura democrática”. Massacrado por informações inverossímeis e con-

traditórias, o cidadão desistiria de tentar “discernir a agulha da verdade no palheiro da mentira” (D’Ancona, 2018, p.10). Passaria, assim, segundo o autor, a aceitar, “ainda que sem consciência plena disso, que tudo o que resta é escolher, entre as versões e narrativas, aquela que lhe traz segurança emocional” (idem). A verdade, assim, perde a primazia e as emoções se sobrepõem, segundo o entendimento do autor.

Manjoo (2008) justifica o fenômeno pelo fato de a mente humana ter a tendência de rejeitar o que lhe é contraditório e se alinhar ao que está de acordo com suas crenças, o que pode explicar, por exemplo, tantas notícias falsas propagando informações sobre a descoberta da vacina para o novo coronavírus, ou sobre a eficácia da hidroxicloroquina.

Nesse cenário tão complexo e desafiador surgem as agências de fact-checking como prática do jornalismo na era da pós-verdade, cuja principal preocupação é trazer transparência e credibilidade aos fatos. Como sustenta Pérez (2019), as agências de *fact-checking* surgem da imperiosa necessidade de se discernir o verdadeiro do falso, diante da abundante informação que circula na internet. Entretanto, Palacios (2018), apesar de reconhecer a relevância do trabalho das agências de checagem e também sinalizar a abertura de novas inserções profissionais para os jornalistas, problematiza que o trabalho das agências

coloca em causa um dos elementos que – historicamente – constituiu a rotina da produção jornalística em sua fase moderna: a checagem da precisão da informação como parte essencial do processo de criação da narrativa jornalística, enquanto formato discursivo diferenciado, e da garantia da sua credibilidade. (Palacios, 2018, p.88)

Mas, em realidade, o que se percebe é que, nem o jornalismo, enquanto profissão, nem tampouco as plataformas sociais têm se demonstrado capazes de controlar os fluxos de desinformação que se avolumam na internet, ainda que, como nos recorda Pérez (2019), algumas medidas estejam sendo executadas por organizações como Google, Facebook e Twitter para evitar a propagação de informação enganosa, como, por exemplo, limitar o reenvio de mensagens, destacar o conteúdo gerado por pessoas em detrimento de organizações e ainda a exclusão de conteúdo considerado falso ou ofensivo. Ainda assim, a falta de verificação, filtros e a ausência de responsabilidade dessas referidas plataformas sobre o conteúdo que propagam têm trazido sérios problemas para o jornalismo e para a democracia.

Da parte das agências de *fact-checking*, não há como negar a contribuição dessas formas de atividade jornalística emergente. Mas, como sustentam Vooughi *et al* (2018) p. 72) “há de se considerar que se trata de um recurso reativo, requer tempo e atua uma vez que a informação falsa já viralizou: na internet a propagação de fraudes tem uma velocidade desmedida” (Vooughi et al, 2018, citado por Pérez, 2019, p.72). No entanto, é notório que o número de agências de checagem tem crescido ao redor do

mundo. O *Global Fact-checking Summit*⁸, o maior evento sobre o tema do mundo, em sua primeira edição, em 2014, reuniu 30 organizações dedicadas ao combate à desinformação. Na última edição do evento, em 2019, na África do Sul, o encontro atraiu 250 iniciativas de *fact-checking* com operação por todos os continentes.

Ocorre que, paralelamente, entre 2014 e 2019, o mundo assistiu à popularização das redes sociais digitais, reconhecidamente os principais canais de disseminação de desinformação. Também nesse período, em 2016, os Estados Unidos realizaram as eleições que elevaram Donald Trump à presidência sob acusação de uso de *fake News*. O mesmo fenômeno da desinformação nas redes sociais acabou por se repetir no processo de negociação de paz na Colômbia, em 2016, e no processo eleitoral para presidente no Brasil, em 2018. A desinformação tem, portanto, motivado inúmeras reações de combate que, entre elas, incluem as agências de *fact-checking*.

Comprova e ColombiaCheck

O site ColombiaCheck nasceu em 2016 com especial ênfase na checagem de notícias concernentes à cobertura das negociações de paz entre o Governo Colombiano e a Guerrilha das Forças Armadas Revolucionárias, (FARC)⁹. O governo do país e as FARC assinaram um acordo de paz, em Cuba, em agosto de 2016, depois de quatro anos de negociações, terminando, ou pelo menos tentando pôr fim, a cinco décadas de conflito interno. Numa segunda etapa, o site voltou-se à verificação do discurso político durante a campanha eleitoral de 2018 para a presidência e para o Congresso. Nessa perspectiva, observa-se que, tanto o site colombiano quanto o Comprova, site brasileiro, surgiram para dar conta da checagem de fatos voltados ao campo da política interna de seus países. Na Colômbia, uma questão histórica relativa à guerrilha. No Brasil, as eleições presidenciais de 2018, num ambiente polarizado, depois de um traumático *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, representante do Partido dos Trabalhadores (PT), no ano de 2016¹⁰.

Entretanto, ao navegarmos pelo site ColombiaCheck e pelo Comprova, podemos perceber que há muitas diferenças entre ambos. O site colombiano apresenta um maior número médio de publicações e conta com equipe de 12 profissionais fixos, dedicados ao trabalho de checagem e produção de conteúdo. Já o Comprova opera com jornalistas vinculados a 24 veículos de comunicação que integram a coalisão da imprensa que deu origem ao projeto, entre os quais prestigiados veículos de comu-

8. Disponível em: www.poynter.org/fact-checking/2019/the-new-fact-checkers-on-the-block-at-global-fact-6/. Acesso: 07 jul. 2020.

9. Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

10. Após o afastamento da governante, em meio a protestos de setores da sociedade e polarização entre esquerda e direita no país, o vice-presidente de seu governo, Michel Temer, assumiu temporariamente, até novas eleições que ocorreram em 2018, com a vitória do candidato de direita Jair Bolsonaro, à época vinculado Partido Social Liberal (PSL) e atual presidente do Brasil, sem partido.

nicação brasileiros, como BandNews; Correio do Povo; Exame; Folha de S.Paulo, entre outros. A agência opta por replicar o modelo de trabalho da First Draft¹¹, que opera por coalisão com veículos de comunicação ao redor do mundo para ações *on demand*, como por exemplo a cobertura da Pandemia.

Ao contrário do ColombiaCheck, o site brasileiro não está vinculado ao *International Fact-checking Network* (IFCN)¹², entidade que agrega agências certificadoras de notícia de todo mundo, e que dá aos integrantes credibilidade internacional e uma metodologia padronizada para as análises. Entre as 210 agências de *fact-checking* atreladas ao IFCN em 68 países, de acordo com o último censo, estão as agências brasileiras AosFatos, Lupa, Truco e Verifica, e as colombianas ColômbiaCheck e La Silla Vacía, apenas para citar iniciativas realizadas nos dois países mencionados nessa pesquisa e que constam da auditoria anual da IFCN.

Em entrevista concedida para a presente pesquisa, o editor do Comprova, Sergio Ludtke, informou que, por conta do modelo pelo qual opera a agência, mantém periodicidade sazonal para as investigações. É o que pudemos detectar durante nossas observações, tendo em vista que o site registrou alguns hiatos na produção de checagem, como, por exemplo, logo após as eleições de 2018 e no período de dezembro de 2019 a março de 2020, quando retornou com verificações concernentes à Pandemia.

Ainda que não encontremos no Comprova a mesma periodicidade e diversidade de temas observados na agência de checagem colombiana, em 2019, o site pesquisou sobre desinformação em políticas públicas e, em 2020, vem realizando um relevante trabalho de checagem de notícias relativas à pandemia ocasionada pelo coronavírus (vide tabela 2). Entretanto, segundo o próprio editor do Comprova, o tema eleições, que motivou a criação do grupo de trabalho, continuará a ser o foco central das checagens.

A agência colombiana de checagem, por outro lado, além da já mencionada regularidade operacional, nos demonstra maior diversidade e abrangência de temas, embora, muitas vezes, detectemos a política como norteadora das investigações. Há questões voltadas à saúde, como as checagens ligadas à pandemia do coronavírus, meio ambiente, política internacional, direitos humanos, entre outros assuntos. São pautas transversais, de interesse da sociedade.

11. First Draft, ONG de origem inglesa. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/about/> Acesso: 05 mai. 2020.

12. Disponível em: www.poynter.org/fact-checking/2019/there-are-210-active-fact-checkers-in-68-countries-says-the-duke-reporters-lab/. Acesso: 06 jul. 2020.

Tabela 1. Análise do trabalho das agências

	ColombiaCheck	Comprova
Endereço na web	www.colombiacheck.com	www.comprova.com.br
Ano de Fundação	2016	2018
Equipe	Jornalistas e comunicadores sociais fixos: 12 pessoas	Três editores fixos e 24 jornalistas vinculados ao grupo da coalisão
Objetivo	“Fortalecimento do debate Público, mediante um jornalismo imparcial, não partidário, investigativo, responsável e ético” (ColombiaCheck, 2020)	“Combater a desinformação em período de campanhas eleitorais e de temas sobre políticas públicas.” (Sergio Lüdtke, em entrevista concedida às autoras)
Recursos Financiadores do site	70% Cooperação internacional e Facebook; 25% Recursos Próprios (projetos e atividades realizadas pelo Conselho de Redação; 5% Cooperação Nacional	Financiado desde o início pelo Google e Facebook. Em 2020, além dessas empresas, a FirstDraft e Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) ¹³
Principais Temas	Os temas políticos locais são maioria, mas há temas diversos: meio ambiente, saúde (aborto, por exemplo) etc. Além disso, os assuntos são locais e globais, como questões relativas à Amazônia e à política com impacto global	Temas eleitorais e de políticas públicas.
Classificações	Verdadeiro; Verdadeiro, mas...; Questionável; Falso; Não é possível checar	Comprovada; Enganoso; Contexto Errado; Falso; Sátira; Imagem Ilegítima; Evento Legítimo e Alterado Digitalmente
Integra o IFCN, International Fact-checking Network	Sim	Não. Mas faz parte de outra organização respeitada, a inglesa First Draft ¹⁴ .

Fonte: Produção das autoras

Auditando os dados

Criado em 2018 para dar suporte a um pool de veículos de imprensa durante as eleições presidenciais na apuração de informações falsas veiculadas, sobretudo nas redes sociais digitais, o Comprova, embora com objetivo principal nas questões políticas eleitorais, segue operando com projetos especiais que envolvem ondas de desinformação acerca de várias áreas de políticas públicas. A pandemia do Covid19,

13. FAAP: instituição de ensino superior privada de caráter filantrópico.

14. First Draft, ONG de origem inglesa. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/about/> Acesso: 05 mai. 2020.

no entanto, traz um marco que motivou novos esforços do site de checagem brasileiro: é a primeira pandemia de grandes proporções na era da sociedade em rede, termo cunhado por Castells (2000), e sob as fortes influências, para o bem e para o mal, das redes sociais digitais de alcance global.

Dessa forma, por se tratar de um tema ligado diretamente à saúde das pessoas, o Covid-19 não demorou a ser alvo de exploração política e econômica. O empenho de alguns governantes, como os presidentes brasileiro e norte-americano, em defender o uso da cloroquina chegou a despertar, por parte da imprensa corporativa, a suspeita de interesses políticos e econômicos ligados ao uso do medicamento. Levantou-se a possibilidade de haver ligações entre empresários do setor farmacêutico e o presidente brasileiro. Alguns laboratórios do Brasil, inclusive, incrementaram as vendas do produto no período da pandemia, conforme atestado em reportagem do portal Uol¹⁵ de 11 de julho de 2020: “Quem são os empresários que ganham com a cloroquina no Brasil”.

Em 26 de março, segundo a mesma reportagem, a caixinha do medicamento apareceu no mundo todo ao ser exibida pelo presidente brasileiro num encontro virtual com líderes do G-20. Em julho, ao contrair a doença, Bolsonaro, mesmo depois da declaração da OMS contra os benefícios do medicamento¹⁶, também exaltou o produto: “Por volta das 17 horas (de terça-feira, dia 7 de julho) tomei um comprimido de cloroquina. Recomendo que você faça a mesma coisa, sempre orientado pelo seu médico” (Camporez, 2020), reforçava o presidente contrariando as recomendações da ciência e de especialistas do mundo todo.

Nos Estados Unidos, o presidente Donald Trump, também teve sua conduta em defesa do uso da cloroquina questionada. O laboratório estrangeiro autorizado a vender cloroquina nos Estados Unidos, o francês Sanofi, teria vínculos com Trump¹⁷. Em abril, o jornal The New York Times publicou reportagem na qual questionava se a defesa do presidente americano da cloroquina estaria relacionada à saúde ou aos seus negócios¹⁸.

No Brasil, no pico da pandemia, ao resistir à indicação do uso da cloroquina e da hidroxicloroquina no tratamento do Covid-19 no Sistema Único de Saúde (SUS), o ministério da Saúde brasileiro perdeu dois ministros: Luiz Henrique Mandetta¹⁹

15. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/07/11/quem-sao-os-empresarios-que-ganham-com-a-cloroquina-no-brasil.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral. Acesso em: 12 jul. 2020.

16. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/06/17/coronavirus-oms-volt-a-a-suspender-testes-com-hidroxicloroquina.htm>. Acesso em: 02 jul. 2020.

17. Disponível em: <https://istoe.com.br/favoravel-ao-uso-da-cloroquina-donald-trump-e-parceiro-de-fabricante-do-medicamento/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

18. Disponível em: <https://forbes.com.br/negocios/2020/04/trump-tem-pequena-ligacao-com-farmaceutica-francesa-que-produz-hidroxicloroquina/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

19. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/internacional-52316728. Acesso em: 07 jul. 2020.

e seu sucessor, Nelson Teich²⁰, com passagem relâmpago pelo cargo. Até mesmo a Organização Mundial da Saúde (OMS) contribuiu para polemizar ainda mais as especulações em torno do uso da cloroquina e hidroxicloroquina no combate ao novo vírus, ao afirmar e recuar por mais de uma vez quanto à indicação do medicamento, ou mesmo confirmar que pesquisas seguiam sendo feitas para avaliar a eficácia da droga nos pacientes com Covid-19. Em 17 de junho, a OMS²¹ lançou comunicado anunciando a suspensão dos estudos sobre a eficácia da hidroxiclorigina por parte de um grupo de cientistas acompanhado pela OMS, após não ter sido constada redução de morte entre os pacientes tratados com o medicamento, mas até o encerramento deste artigo, no início de julho, a polêmica continuava.

O fato é que, influências políticas, interesses econômicos e discordâncias científicas acabaram por aumentar a disseminação de desinformação sobre a recomendação do uso da cloroquina e hidroxicloroquina. De acordo com relatório do site Comprova, nos primeiros 70 dias de checagem sobre a pandemia, temas relacionados à polêmica quanto ao uso da cloroquina já eram percebidos como destaque entre a onda de desinformação em torno do Covid-19, representando 10% da variedade dos assuntos.

Observamos que, das seis notícias auditadas em nossa amostra e checadas pelo site, quatro foram classificadas como conteúdo Enganoso e duas como Falso. De acordo com os critérios de qualificação de checagem do Comprova, Enganoso é o conteúdo que faz uso de parte de informação verdadeira dentro de um processo de edição que mistura dados falsos, levando o leitor à confusão quanto ao tema abordado. Já a qualificação Falso, traz desinformação pura e simples, mas que, ainda assim, serve para manipular a opinião pública.

Ainda em seu relatório preliminar sobre a onda de desinformação durante a pandemia do Covid-19, o Comprova informa que foi possível notar duas tendências de abordagem equivocada quanto ao uso da cloroquina e da hidroxicloroquina: “a primeira, a tradução de estudos científicos sem conhecimento dos pares, que atestavam a eficácia deste ou daquele método de combate à doença, ou a descontextualização desse tipo de pesquisa; a segunda, a divulgação de relatos e opiniões, muitas vezes de médicos, contrárias ao posicionamento oficial de órgãos que representam os especialistas e sem o devido embasamento”. Em ambas iniciativas, nota-se o desprezo ou o uso malicioso das informações das instituições respaldadas cientificamente.

20. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/teich-deixa-o-ministerio-da-saude-antes-de-completar-um-mes-no-cargo.ghtml>. Acesso em: 07 jul. 2020.

21. Organização Mundial da Saúde (OMS). Disponível em: www.who.int/news-room/q-a-detail/q-a-hydroxychloroquine-and-covid-19. Acesso em: 29 jun. 2020.

Tabela 2. Matérias auditadas pelo Comprova

Título da Notícia	Data	Descrição do Conteúdo	Validação
Estudo do médico Vladimir Zelenko com hidroxicloroquina não tem comprovação científica ²²	06.04.2020	Em vídeo, o médico de Nova Iorque, Vladimir Zelenko, diz ter tido “100% sucesso até agora” usando zinco e as drogas hidroxicloroquina e azitromicina.	Enganoso
Liberação do uso de cloroquina pela agência reguladora de alimentos e drogas dos EUA não é para todos os pacientes ²³	16.04.2020	Em redes sociais, circulou texto afirmando que a agência reguladora de alimentos e drogas dos Estados Unidos (FDA) havia liberado cloroquina e hidroxicloroquina a todos os pacientes com Covid-19. E ainda que o laboratório Novartis, no Brasil, havia liberado estudo sobre a eficácia desses medicamentos para matar o vírus.	Falso
Pesquisa brasileira não usou doses letais para matar pacientes e atacar cloroquina ²⁴	24.04.2020	Publicações nas redes sociais usam dados de uma pesquisa brasileira para acusar pesquisadores de tramarem contra o uso de cloroquina no tratamento de pacientes com a Covid-19. Algumas postagens acusam pesquisador de ser ligado ao Partido dos Trabalhadores (PT).	Enganoso
Cloroquina não é alvo de conspiração a favor do remdesivir ²⁵	13.05.2020	Em vídeo, que circula na internet, um homem, que se identifica como médico especialista em ortopedia, afirma que a cloroquina é alvo de uma conspiração, por parte de governos e da indústria farmacêutica, que teriam interesse na utilização de uma droga chamada remdesivir.	Enganoso
Nem todos os pacientes de Covid-19 de hospital do Piauí receberam alta após o tratamento com cloroquina ²⁶	14.05.2020	O conteúdo usa um vídeo verdadeiro, gravado pelo médico oncologista Saba Vieira, mas os textos omitem que ainda há pacientes em tratamento domiciliar e também em leitos ambulatoriais. Além disso, não existe nenhum registro científico ou comparativo de que a melhora clínica dos pacientes foi exclusivamente por conta das medicações.	Enganoso
Médico confunde ao indicar cloroquina e indicar isolamento social e o uso de respiradores ²⁷	22.05.2020	Um vídeo no qual um homem, que se identifica como médico, diz que os hospitais públicos estão intubando pacientes para “mostrar trabalho” e justificar a compra de ventiladores e respiradores artificiais. O referido médico é contra o procedimento e defende o uso de medicamentos, como a cloroquina, como alternativa ao tratamento da Covid-19.	Enganoso

ColombiaCheck

A checagem do ColombiaCheck traz, desde 23 de novembro de 2018, as seguintes possibilidades: verdadeiro (correspondem à realidade), verdadeiro, mas... (quando, ao verificar os dados de uma afirmação, descobre-se que eles deixam de fora uma parte importante de seu contexto), questionável (aderem aos dados disponíveis mais recentes, mas são usados para chegar a conclusões errôneas, ou não há consenso sobre qual é a interpretação correta); falso (quando, ao verificar os dados de uma afirmação, percebe-se que são completamente contrários à realidade dos fatos), e, por fim, não é possível checar (quando ao verificar os dados nota-se que não há dados confiáveis para determinar a veracidade, ou que os dados correspondem a uma opinião. Pode-se verificar na metodologia de checagem da agência, que opiniões não são objeto de verificação “a menos que estejam sustentadas em dados cuja veracidade possa verificar-se” (Colombiacheck,2020).

Há algumas diferenças em relação à nomenclatura classificatória do Comprova (vide tabela 1). Mas, assim como a agência brasileira, o ColombiaCheck, ao analisar as informações sobre o novo coronavírus, busca demonstrar, como fez para realizar a rota de checagem. Em nossa pesquisa, utilizando os termos hidroxicloroquina e cloroquina, no período delimitado, março a junho, encontramos sete referências no site da agência sobre este tópico. Uma delas, na verdade, não é propriamente uma matéria, mas um “Explicador”, por isso, o conteúdo não foi considerado para fins do presente estudo. Trata-se de um material que traz várias informações acerca do assunto de maneira abrangente, com o objetivo de prestar esclarecimentos à opinião pública e que tem o título “O que se sabe até agora da hidroxicloroquina para tratar a Covi-19”. Assim, consideramos seis checagens para nossa base amostral. Três foram classificadas como questionáveis, três falsas e uma mereceu checagem múltipla, ou seja, havia vários pontos a considerar (alguns falsos, outros questionáveis, outros verdadeiros e assim por diante).

22. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/estudo-do-medico-zelenko-com-hidroxicloroquina-nao-tem-comprovacao-cientifica/>. Acesso em 7 jun. 2020.

23. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/liberacao-de-uso-da-cloroquina-pela-agencia-reguladora-de-alimentos-e-drogas-dos-eua-nao-e-para-todos-os-pacientes/>. Acesso em 7 jun. 2020.

24. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/pesquisa-brasileira-nao-usou-doses-letais-para-matar-pacientes-e-atacar-cloroquina/>. Acesso em 8 jun. 2020.

25. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/cloroquina-nao-e-alvo-de-conspiracao-a-favor-do-remdesivir/>. Acesso em: 8 jun. 2020.

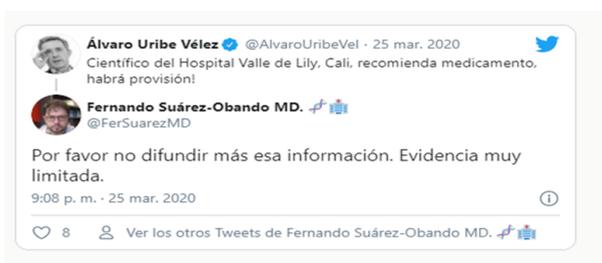
26. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/nem-todos-pacientes-de-covid-19-de-hospital-do-piaui-receberam-alta-apos-tratamento-com-cloroquina/>. Acesso em: 8 jun. 2020.

27. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/medico-confundeu-a-indicar-cloroquina-e-criticar-isolamento-social-e-o-uso-de-respiradores/>. Acesso em: 9 jun. 2020.

Na cobertura da Pandemia, a equipe do ColômbiaCheck vem trabalhando em três frentes. Primeiro, os seguidores da agência, por meio das redes sociais digitais solicitam que sejam investigadas questões de interesse público que, se dentro dos critérios metodológicos do site, são verificadas. Em segundo lugar, há duas alianças em andamento para investigação do tema: *Cornavirus Facts Alliance*²⁸ e *LatamChequea*²⁹.

A *Coronavirus Facts Alliance* foi criada em janeiro e junta mais de 100 órgãos dedicados ao fact-check de todo o mundo oriundos de mais de 70 países, em 40 línguas diferentes, incluindo a agência colombiana. Até abril já haviam sido auditadas mais de 3 mil fact-checks sobre o coronavírus, num esforço para conter a onda de desinformação sobre o novo coronavírus³⁰. O ColombiaCheck uniu-se também a plataformas da América Latina, uma iniciativa do grupo *LatamChequea*, coordenado pela plataforma argentina *Chaqueado*³¹, para disponibilizar uma base de checagens sobre o assunto, numa coalizão que reúne 22 organizações³².

Assim como demonstrado no Comprova, as notícias foram em larga escala motivadas pelas idas e vindas decorrentes de afirmações desconstruídas sobre a recomendação do uso do medicamento no combate à doença, inclusive emitidas pela própria Organização Mundial da Saúde, OMS, como já ponderamos. Também declarações precipitadas de autoridades, como o presidente dos Estados Unidos Donald Trump, recomendando o uso do medicamento (vide “Não há evidência de que os dois medicamentos contra a malária servem contra Covid-19”, disponível na tabela a seguir) e do ex-presidente, da Colômbia, Álvaro Uribe, ampliaram o cenário de desinformação, tendo em vista que cientificamente, como também já explicitado, não há comprovação da efetividade da hidroxicloroquina e da cloroquina no combate ao coronavírus.



33

28. Disponível em: www.poynter.org/coronavirusfactsalliance/. Acesso em 01 jun. 2020.

29. Disponível em: <https://chequeado.com/proyectos/latam-chequea/>. Acesso em 20 jun. 2020.

30. Disponível em: <https://observador.pt/2020/04/07/fact-check-observador-adere-a-rede-mundial-que-combate-desinformacao-sobre-coronavirus/>. Acesso em 5 jun. 2020.

31. Disponível em: <https://chequeado.com/latamcoronavirus/>. Acesso em 5 jun. 2020.

32. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/04/02/coalizao-latamchequea-coronavirus/>. Acesso em 15 jun. 2020.

As investigações da agência buscaram clarear as discussões sobre a eficácia da cloroquina e hidroxicloroquina no combate à Covid-19, incluindo diversas fontes de informação, documentos oficiais e estudos científicos internacionais, contato direto com especialistas, buscas em redes sociais, como Twitter, Facebook, entre outras, e materiais provenientes de parceiros: *Coronavirus Facts Alliance* e *LatamCheque*.

Tabela 3. Matérias auditadas pelo ColombiaCheck

Título da notícia	Data	Descrição do Conteúdo	Validação
Não há evidência de que 2 medicamentos contra a malária servem contra Covid-19 ³⁴	20.03.2020	O presidente Trump publicou em seu Twitter que a ‘hidroxicloroquina e azitomicina, tomadas em conjunto’ poderiam ser efetivas no combate à Covid-19. Segundo o presidente, o FDA (Administração de Alimentos e Medicamentos) teria aprovado os medicamentos antimaláricos para curar enfermos, o que foi esclarecido por representante do FDA ‘por hora só se usarão em contexto de ensaio clínico’	Questionável
Tratamento difundido por clínica de Cali para Covid-19 não tem nenhuma evidência científica conclusiva ³⁵	29.03.2020	Hidroxicloroquina, cloroquina e azitomicina foram divulgados como tratamentos efetivos para o combate ao novo coronavírus pela Fundação Valle de Lili e por Donald Trump, entre outros, mas checagens indicaram que faltavam estudos para comprovar a efetividade dos medicamentos	Questionável
Falta muito tempo para saber se a ivermectina cura a Covid-19 ³⁶	09.04.2020	A matéria trata de outro medicamento, que “destruiria o vírus em 48 horas”, mas que, segundo apurado, não se refere a ensaios clínicos obtidos em humanos, mas provas de laboratórios. Na matéria, há a menção da hidroxicloroquina: “Ojalá no se repita la historia de la hidroxicloroquina”, um dos porta-vozes que se utiliza da lembrança da polêmica com o referido medicamento para um paralelo analítico.	Questionável

33. Disponível em: <https://colombiacheck.com/chequeos/no-hay-evidencia-de-que-2-medicinas-contr-a-la-malaria-sirven-para-covid-19>. Acesso em 10 jun. 2020

Não, vacina 'capaz de curar o coronavírus (Covid-19) em três horas' não existe ³⁷	24.04.2020	Desde março, circula uma rede de informações falsas e questionáveis, que mesclam três desinformações sobre o Covid-19 (um suspeito anúncio de uma vacina da Roche que não existe, declarações falsas atribuídas ao presidente Donald Trump e a efetividade da azitromicina e da hidroxicloroquina, envolvendo um tratamento promovido pelo virólogo francês Didier Raoult para combater o vírus.	Checagem Múltipla
Imagem que afirma que Covid-19 é trombose mescla informação enganosa ³⁸	24.04.2020	Uma imagem em circulação no whatsapp asseguraria que o Covid-19 estaria sendo tratada de forma errada, pois patologistas italianos teriam descoberto que a enfermidade produzida pelo novo coronavírus seria, na realidade, uma trombose e que deveria ser tratada com antibióticos, anti-inflamatórios e anticoagulantes, não necessitando de respiradores. A informação foi classificada como falsa (enganosa e incompleta)	Falso
Não, o coronavírus não 'é combatido com antiinflamatórios e anticoagulantes' ³⁹	01.06.2020	Em um vídeo viral, divulgado pelo Facebook, um homem ("Ciervo 63"), assegura que já há a cura para o coronavírus, o que é demonstrado pela checagem como falso	Falso
Não, tratamento recomendado por médico homeopata não é a cura contra Covid-19 ⁴⁰	10.06.2020	Em um vídeo viral, de 11 minutos, Raúl Salazar, um homem que se identifica como médico, especialista em homeopatia, recomenda a automedicação com anticoagulantes, esteróides e antibióticos para tratamento do coronavírus. A checagem alerta para o risco para a saúde e alerta para que a população não se medique.	Falso
Falta muito tempo para saber se a ivermectina cura a Covid-19 ⁴¹	09.04.2020	A informação de que este medicamento "mata o vírus em 48 horas" refere-se a testes de laboratório, não a testes clínicos em humanos. Seu uso aprovado é como antiparasitário.	Questionável

Considerações Finais

A despeito das disputas políticas da segunda metade desta década, que tornaram popular a expressão *fake News* para classificar a desinformação, sobretudo no ambiente das redes sociais digitais, o uso de informações falsas e enganosas para manipular a opinião pública ganhou contornos mais danosos no curso da pandemia do Covid-19. Ainda que o uso da desinformação em clima de disputa eleitoral possa levar as sociedades a prejuízos conjunturais por tempo indefinido, ao nortear as escolhas políticas dos cidadãos, quando a saúde passa a ser o alvo das notícias falsas, as consequências podem resultar em danos irreversíveis.

A verdade deve ser construída em cima de fatos, dados cientificamente comprovados, especialmente se estivermos tratando de um assunto tão relevante quanto a vida humana. Entretanto, na contemporaneidade há um risco de “verdades” paralelas emergentes em torno de temas relevantes como a necessidade de vacinação, ou o uso de determinados medicamentos, como os aqui analisados. O que o artigo reforça são os riscos da circulação de desinformação, dentro das suas múltiplas práticas, nessa nova ambiência, lembrando que não é possível questionar coisas tão elementares quando a ciência nos aponta para a cautela ou estudos científicos sinalizam com precisão para determinado caminho.

Apesar das inúmeras contestações científicas em torno do uso da cloroquina e da hidroxicloroquina para o tratamento dos pacientes do coronavírus, como bem detectaram as agências de *fact-checking* analisadas, observamos que correntes contrárias à ciência trataram de fomentar a desinformação e/ou a confusão quanto à recomendação desses medicamentos. Tal atitude, quando adotada a partir de critérios ideológicos e econômicos, torna-se ainda mais nociva. Especialmente se considerarmos a vulnerabilidade dos cidadãos diante da circulação de desinformação, como no caso de pessoas muito jovens, ou dos mais idosos, ou ainda de cidadãos com problemas de letramento midiático e precariedade educacional.

34. Disponível em: <https://colombiacheck.com/chequeos/no-hay-evidencia-de-que-2-medicinas-contr-la-malaria-sirven-para-covid-19>. Acesso em 10 jun. 2020.

35. Disponível em: <https://colombiacheck.com/chequeos/tratamiento-difundido-por-clinica-de-cali-para-covid-19-no-tiene-aun-evidencia-cientifica>. Acesso em 10 jun. 2020.

36. Disponível em: <https://colombiacheck.com/chequeos/falta-mucho-trecho-para-saber-si-la-ivermectina-cura-covid-19>. Acesso em 11 jun. 2020.

37. Disponível em: <https://colombiacheck.com/chequeos/no-vacuna-capaz-de-curar-el-coronavirus-covid-19-en-tres-horas-no-existe>. Acesso em 11 jun. 2020.

38. Disponível em: <https://colombiacheck.com/chequeos/imagen-que-afirma-que-covid-19-es-trombosis-mezcla-informacion-enganosa>. Acesso em 11 jun. 2020.

39. Disponível em: <https://colombiacheck.com/chequeos/no-el-coronavirus-no-ha-sido-vencido-con-antiinflamatorios-y-anticoagulantes>. Acesso em 13 jun. 2020.

40. Disponível em: <https://colombiacheck.com/index.php/chequeos/no-tratamiento-recomendado-por-medico-homeopata-no-es-la-cura-contr-covid-19>. Acesso em 13 jun. 2020.

41. Disponível em: <https://colombiacheck.com/chequeos/falta-mucho-trecho-para-saber-si-la-ivermectina-cura-covid-19>. Acesso em 13 jun. 2020.

Além disso, como foi ponderado em nossas articulações, o comportamento dos usuários das redes sociais digitais quanto ao compartilhamento de conteúdo tende a ser aderente às suas crenças e preferências ideológicas. Desta forma, ainda que reconheçamos que o princípio do Jornalismo é a informação de qualidade, a checagem dos fatos, e que estamos diante de novas práticas que colocam em xeque a própria atividade profissional em sua essência, não há como negar a importância das agências de checagem que avançam ao redor do mundo, sempre trabalhando com temas de grande impacto social.

No caso do objeto pesquisado neste artigo, pudemos notar que no Brasil, onde a defesa do uso da cloroquina e hidroxicloroquina foi praticada ostensivamente pelo próprio chefe da nação, presidente Jair Bolsonaro, o tema passou a fomentar ainda mais as discussões polarizadas, que chegaram a transpor o campo da saúde e enveredar para o da política. Na Colômbia, apesar de haver um governo igualmente de direita, notou-se um recuo quanto à recomendação dessa categoria de medicamentos no protocolo de tratamentos de Covid-19, mas, ainda assim, personalidades públicas se aventuraram a tumultuar o cenário de informações desencontradas, como exemplificado em nossas ponderações. De qualquer forma, a cloroquina e a hidroxicloroquina protagonizaram em ambos os países conteúdos de desinformação, em todos os casos dando conta da eficácia do uso desses medicamentos para pacientes do coronavírus.

Nesse sentido, as agências de *fact-checking*, como Comprova e ColombiaCheck, aqui analisadas, bem como tantas outras que crescem em número e em importância no combate ao fenômeno da desinformação on-line merecem destaque pelo importante trabalho que vêm realizando junto à sociedade.

Referências Bibliográficas

- (2018). Journalism, 'Fake News' & Disinformation. *UNESCO*. <https://en.unesco.org/node/295873>.
- (2020, janeiro 22). Colômbia anuncia suspeita de primeiro caso de Coronavírus no país. *UOL*. <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/01/22/colombia-anuncia-suspeita-de-primeiro-caso-de-coronavirus-no-pais.htm>.
- (2020, fevereiro 29). As 15 fake news mais compartilhadas sobre coronavírus. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/sociedade/as-15-fake-news-mais-compartilha-das-sobre-coronavirus-1-24278939>.
- (2020, abril 15). Pesquisa revela dados sobre 'fake news' relacionadas à Covid-19. *Fiocruz*. <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-revela-dados-sobre-fake-news-relacionadas-covid-19>.
- (2020, junho 9). Atila Iamarino: Para reabrir é preciso transparência nos dados da covid-19. *Exame*. <https://exame.com/ciencia/atila-iamarino-para-reabrir-e-preciso-transparencia-nos-dados-da-covid-19/>.

- (2020, junho 17). Coronavírus: as razões da OMS para suspender novamente testes com hidroxicloroquina. *UOL*. <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2020/06/17/coronavirus-oms-volta-a-suspender-testes-com-hidroxicloroquina.htm>.
- (2020, junho 19). Coronavirus disease (Covid-19): Hydroxychloroquine. *World Health Organization*. www.who.int/news-room/q-a-detail/q-a-hydroxychloroquine-and-covid-19.
- Andrade, F. (2020, maio 15). Teich deixa o Ministério da Saúde antes de completar um mês no cargo e após divergir de Bolsonaro. *GI*. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/15/teich-deixa-o-ministerio-da-saude-antes-de-completar-um-mes-no-cargo.ghtml>.
- Camporez, P. (2020, julho 11). Quem são os empresários que ganham com a cloroquina no Brasil. *UOL*. https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2020/07/11/quem-sao-os-empresarios-que-ganham-com-a-cloroquina-no-brasil.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral.
- Castells, M. (2000). *Sociedade em Rede* (8ª ed.). Paz e Terra.
- Castilho, C. (2016, setembro 28). Apertem os cintos: estamos entrando na era da pós-verdade. *Observatório da Imprensa*. <https://goo.gl/8sZdzP>.
- D'Ancona, M. (2018). *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake News* (1ª ed.). Faro Editorial.
- Dantas da Silva, M. *et. al.* (2019). Representação da informação noticiosa pelas agências de fact-checking: do acesso à informação ao excesso de informação. *RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 15(2), 410-426. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1225/1142>.
- Flamini, D. (2019, junho 12). The new fact-checkers on the block at Global Fact 6. *Poynter*. www.poynter.org/fact-checking/2019/the-new-fact-checkers-on-the-block-at-global-fact-6/.
- Manjoo, F. (2008). *True Enough: Learning to live in a post-fat society*. John Wiley & Sons.
- Newman, N., Fletcher, R., Schulz, A., Andi, S., & Nielsen, R. (2020). Digital News Report 2020. *Reuters*. www.digitalnewsreport.org/.
- Palacios, M. (2018.) Fake News e a emergência das Agências de Checagem: Terceirização da Credibilidade Jornalística?. In M. Martins & I. Macedo (Eds.), *Políticas da Língua, da Comunicação e da Cultura no Espaço Lusófono* (pp. 77-90). Universidade do Minho.
- Pérez, C. (2019). No diga fake news, di desinformación: una revisión sobre el fenómeno de las noticias falsas y sus implicaciones. *Dialnet*, (40), 65-74.

- Ramonet, I. (2012). *A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídia*. Publisher Brasil.
- Ramonet, I., Moraes, D., & Serrano, P. (2013). *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. Boitempo.
- (s.d.). *Colombiacheck*. <https://colombiacheck.com/>.
- (s.d.). Folha informativa – COVID-19. *OPAS*. www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875.
- Silverstone, R. (2002). *Por que estudar a mídia?*. Edições Loyola.
- Shalders, A. (2020, abril 16). Mandetta é demitido do Ministério da Saúde após um mês de conflito com Bolsonaro: lembre os principais choques. *BBC*. www.bbc.com/portuguese/internacional-52316728.
- Spinelli, E., & Santos, J. (2018). Jornalismo na era da pós-verdade: fact-checking como ferramenta de combate às fake news. *Revista Observatório*, 4(3), 759-782. <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4629>.
- Tardáguila, C., Stencel, M., & Luther, J. (2019, outubro 21). There are 210 active fact-checkers in 68 countries, says the Duke Reporters' Lab. *Poynter*. www.poynter.org/fact-checking/2019/there-are-210-active-fact-checkers-in-68-countries-says-the-duke-reporters-lab/.